

Governo mantém receita antichoque externo

97

Elevação de juros e reforço do ajuste fiscal serão seguidos à risca, diz secretário Amadeo

DENISE CHRISPIM MARIN e SIMONE CAVALCANTI

BRASÍLIA - O sistema de câmbio do País está estressado por causa da continuidade das pressões provocadas pela crise financeira e política da Argentina. A declaração partiu do secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Edward Amadeo, que advertiu que essa situação não vai levar o governo a alterar sua política de defesa contra choques externos. No entanto, a atual receita - elevação da taxa de juros básica da economia e reforço do ajuste fiscal - tende a ser seguida à risca caso a crise pior. "O importante é que as políticas sejam usadas como foram concebidas", afirmou Amadeo.

O secretário defendeu a consistência da política adotada pelo governo para fazer frente a dificuldades externas. Intervir no mercado cambial em uma situação de maior vulnerabilidade, para ele, seria voltar à fórmula anterior de câmbio administrado e romper com a coerência da política econômica.

Segundo Amadeo, o crescimento da economia até pode ser reduzido neste ano, por causa dos aumentos nas taxas de juros, e não avançar no porcentual desejado inicialmente, de 4,5%. Para o secretário, o propulsor do aquecimento não está na política monetária, mas na combinação de investimento, de poupança e de produtividade em expansão. "Não adianta querer que as políticas fiscal e, principalmente, monetária, façam a economia crescer mais que esses três fatores juntos", afirmou.

Sobre a causa mais evidente da instabilidade externa, a crise argentina, o secretário deixou claro que o governo brasileiro aumentou sua aposta em uma rápida recuperação do país vizinho. Não se trata de otimismo, avisa ele. Mas de "esperança". A seguir, os principais trechos da entrevista:

INTERVIR NO CÂMBIO ROMPERIA A COERÊNCIA



Dida Sampaio /AE - 15/6/2000

Amadeo: crescimento do PIB poderá ser até menor este ano

crises externas, que é o câmbio flexível, ajuda o País a se proteger contra os choques negativos.

Estresse - O sistema adotado não está fragilizado. Ele está estressado. Isso acontece porque o mecanismo de defesa, que é o câmbio, está sob pressão. Então, ele reage. A taxa de câmbio é, portanto, uma espécie de termômetro desse sistema.

Nessa situação, é preciso que os mecanismos sejam usados corretamente, tal como foram concebidos. Como o sistema reage naturalmente por meio da taxa de câmbio, pode haver repercussão negativa para a economia.

Por exemplo, na taxa de inflação.

Aí entram em campo as políticas fiscal e monetária. O Banco Central já aumentou duas vezes a taxa de juros básica da economia, como forma de se precaver. Em circunstâncias de estresse do passado, aumentar os juros significava subir 1.500 a 2.000 pontos básicos. Estamos falando agora em aumentar 50 pontos de cada vez. Isso é uma medida que indica redução da vulnerabilidade.

Vulnerabilidade - A vulnerabilidade não é um conceito absoluto, mas relativo. Hoje, somos menos vulneráveis que no passado, quando utilizávamos uma política de câmbio que se mostrou cada vez menos eficaz com a deterioração da situação internacional. Temos um sistema embasado em um tripé composto pelo ajuste fiscal, pelo câmbio flutuante e pelas metas de inflação que é capaz de reduzir a nossa vulnerabilidade. O mecanismo de acomodação natural às

e, quando o câmbio está estressado, intervir no mercado. Não adianta ter sistema de meta inflacionária e, quando está estressado, esquecer que sua meta é a inflação. As políticas monetária e fiscal dão o tom da resposta do governo à situação que estamos acompanhando. A decisão sobre novos ajustes será tomada a seu tempo, à luz dos acontecimentos. Se houver piora, as políticas de ajuste seguirão na mesma direção, consistentemente com o que se planejou.

Crescimento - O que aconteceu com a economia brasileira desde início da década de 80, quando começou a perder o controle da inflação? Não crescia e havia alta volatilidade. A taxa de investimento como proporção do Produto Interno Bruto começou a cair. Gostaria, hoje, que o crescimento da economia fosse até maior que o esperado.

Mas, em relação a nossa história recente de inflação e de controle de preços, é melhor preservar as condições que permitem à economia crescer ao longo do tempo. A questão é: qual é a alternativa? Acho que este País vai crescer se tiver aumento de investimento, aumento da poupança e aumento da produtividade. Então, não adianta querer que as políticas fiscal e, principalmente, monetária façam a economia crescer mais que esses três fatores juntos.

O papel do BC, ao estabelecer a taxa de juros, não é fazer a economia crescer mais. É fazer a economia crescer o que ela pode. Se crescer mais do que pode, haverá desequilíbrio lá na frente. Se crescer menos, é rigidez além do necessário.

Ajustes - A primeira resposta fiscal do governo à crise externa foi elevar o superávit primário de 2002 para 3,0% do PIB.

Há seis meses, o cenário traçado havia permitido uma redução 3,0% para 2,7%. A situação piorou e voltamos para 3,0%. Esse é o arsenal com o qual o governo conta. Não adianta manter um sistema de câmbio flutuante